

volume

24/1

Agosto/2018

ISSN 1516-2095
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





Obra publicada pela

Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Pedro Rodrigues Curi Hallal
Vice-Reitor: Luis Isaías Centeno do Amaral

Chefe de Gabinete: Aline Elias Lamas

Pró-Reitor de Graduação: Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Otávio Martins Peres

Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Infra-estrutura: Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor de Gestão Pessoas: Sérgio Batista Christino

CONSELHO EDITORIAL

Representante das Ciências Agrônômicas: Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (Titular), Cesar Valmor Rombaldi (suplente) e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente) | Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Adelar José Strieder (titular) e Juliana Pertille da Silva (suplente) | Representante da Área das Ciências Biológicas: Raquel Ludke (suplente) | Representante da Área das Engenharias e Computação: Darci Alberto Gatto | Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leoneti Lencina (titular) e Giovanni Felipe Ernst Frizzo (suplente) | Representante da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Célia Helena Castro Gonsales | Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte e Guilherme Camargo Massau (suplente) | Representantes da Área das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva (titular) e Maristani Polidori Zamperetti (suplente)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristuê Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristuê Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Magno Santos | Fernando Ripe

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2018/1

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.24/1, (ago. 2018). – Pelotas: Editora da UFPel, 2018.

1v.

Annual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat

Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

[e-mail: ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

*** Obra editada e publicada em agosto de 2018**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE HISTÓRIA: TEMAS, FONTES E PROBLEMATIZAÇÕES

HISTORY OF EDUCATION AND HISTORY TEACHING: THEMES, SOURCES AND PROBLEMATIZATIONS **06**

Magno Santos | Fernando Ripe

A ESCRITA E O ENSINO DE HISTÓRIA NO SÉCULO XIX E A REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS NAS LIÇÕES DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

THE WRITING AND TEACHING OF HISTORY IN THE NINETEENTH CENTURY AND THE REPRESENTATION OF INDIGENOUS IN LESSONS OF JOAQUIM MANUEL DE MACEDO **10**

Martha Victor Vieira

AS REPRESENTAÇÕES DO ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO NA IMPRENSA LOCAL PELOTENSE DURANTE A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

THE REPRESENTATIONS OF THE ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO IN THE LOCAL PRESS PELOTENSE DURING THE FIRST HAL OF THE XX TH CENTURY **33**

Jeane dos Santos Caldeira | Jezuína Kobls Schwanz

IMAGENS DAS OFICINAS PROFISSIONALIZANTES SALESIANAS NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1910-1960).

IMAGES OF SALESIAN PROFESSIONAL WORKSHOPS IN THE CITY OF RIO GRANDE / RS (1910-1960). **51**

Hardalla Santos do Valle

A EDUCAÇÃO FEMININA ENTRE A NORMALIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DA REVISTA CARETA (1914-1918)

THE FEMALE EDUCATION BETWEEN NORMALIZATION AND RESISTANCE: AN ANALYSIS OF THE SPEECHES OF CARETA MAGAZINE (1914-1918) 72

Fernanda C. Costa Frazão

DA MATERIALIDADE AO CONTEÚDO: ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

FROM MATERIALITY TO CONTENT: ANALYSIS OF THE DIDACTIC MATERIAL OF THE BRAZILLIAN LITERACY MOVEMENT 102

Leide Rodrigues dos Santos

“EDUCAR É CONSTRUIR PARA O INFINITO”: ANÁLISE DOS DISCURSOS TRANSFORMADORES RELATIVOS À REFORMA DE 1971 NOS EDITORIAIS DA REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL (1972-1974)

"EDUCATION IS BUILDING FOR THE INFINITE": ANALYSIS OF THE TRANSFORMING SPEECHES RELATED TO THE REFORM OF 1971 IN THE EDITORIALS OF THE REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL (1972-1974) 121

Simôni Costa Monteiro Gervasio | Alessandro Carvalho Bica

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES NO ENSINO FUNDAMENTAL

THE TEACHING OF HISTORY AND EDUCATIONAL PRACTICE: THE CHALLENGES OF TEACHERS IN ELEMENTARY SCHOOL 145

Helena Gouveia da Silva Oliveira | Irlanda do Socorro de Oliveira Mileo | Renato Pinheiro da Costa

**NAS VOLTAS QUE A FORMAÇÃO EM HISTÓRIA DÁ: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTAR COORDENADOR PEDAGÓGICO NA
REDE BÁSICA DE ENSINO**

THE TURNS THAT THE GRADUATION IN HISTORY GIVES: A REPORT OF
EXPERIENCE ON THE STUDENT PEDAGOGICAL COORDINATOR IN THE
BASIC NETWORK OF TEACHING

170

Felipe Nóbrega Ferreira

A EDUCAÇÃO FEMININA ENTRE A NORMALIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DA REVISTA CARETA (1914-1918)

THE FEMALE EDUCATION BETWEEN NORMALIZATION AND RESISTANCE: AN ANALYSIS OF THE SPEECHES OF CARETA MAGAZINE (1914-1918)

Fernanda C. Costa Frazão¹

Resumo: Este artigo trata da história da educação feminina na década de 1910, a partir da revista ilustrada e de variedades *Careta*. A relação entre o tema e a fonte se estabeleceu conforme constatação de que a educação para as mulheres, empreendida pela revista, se dava por práticas normalizadoras e por prescrições que visavam regular a vida cotidiana feminina para o contexto urbano. Pela análise do discurso foucaultiano, o exercício foi de examinar a construção dos enunciados da revista, ao que se observou a manifestação de saberes oriundos de instituições como a religião, a medicina, a filosofia. Com isso, a elaboração moral e normalizadora para o feminino adquiria estatuto de verdade, suficiente para produzir emergências femininas, conformadas historicamente a papéis dados nas representações do ser mulher, ou silenciadas na regulação de sua circulação. Porém, considerando as possibilidades das relações de poder, as resistências femininas também são lidas na *Careta*, de modo que provoca pensar nos sujeitos e movimentos plurais da história.

Palavras-chave: História da educação feminina; Normalização; Resistência; Análise do discurso; Relações de poder; Revista *Careta*.

Para começo de conversa

Neste artigo serão apresentados alguns aspectos do desenvolvimento de uma pesquisa sobre história da educação feminina. A abordagem da imprensa como fonte histórica, mais precisamente da revista de variedades *Careta*, apresentou relativa diversidade de enunciados na composição de proposições acerca do tema da história da educação das mulheres. Para tanto, o referencial teórico foucaultiano, relativo à análise do discurso, foi utilizado como ferramenta para a leitura e análise da fonte.

O exercício, aqui proposto, é a construção de um apanhado sintético da pesquisa “A revista *Careta* e a educação das mulheres: uma dispersão

¹ Licenciada em Filosofia e Pedagogia, Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei e Doutoranda em Educação na Linha de História e Historiografia da Educação, na Universidade Federal do Paraná. Email: nandac75@gmail.com

discursiva para a normalização feminina no contexto urbano (1914-1918)”². Procurou-se evidenciar, neste trabalho, os aspectos que dizem respeito à escolha da temática na leitura e relação com a fonte, e a partir de tais associações, problematizar e analisar as proposições e enunciados da revista.

Na consideração acerca da educação feminina, numa perspectiva relativa a gênero, fez-se uma leitura das relações e dos jogos de poder. Em *A Ordem do Discurso* (2010a), Foucault sugere elementos para a análise da produção dos discursos, favoráveis a serem aplicados na leitura da fonte histórica. Também aponta para o discurso como uma ferramenta de saber-poder, pois regula a manifestação e assimilação de ideias por parte de grupos e indivíduos.

É importante ainda definir, de saída, o uso que se faz de gênero e relações de gênero neste trabalho. A referência é pela interação entre masculino e feminino, em que há de se considerar elaborações cuidadosas e minuciosas, considerando que

Aprendemos a reconhecer que, por um lado, todas as sociedades conhecidas têm espaços, comportamentos e atividades de gênero pré-determinados. Por outro lado, se a diferenciação baseada no gênero existe sempre, as suas manifestações concretas divergem de sociedade para sociedade: não são universais. As variações no interior do *status* do sexo feminino são tão multiformes como as do sexo masculino. O significado de ser mulher ou homem é muitíssimo variável no tempo e no espaço e esta variabilidade aplica-se não só aos respectivos conteúdos, mas também às fronteiras entre o feminino e o masculino e à própria rigidez com que são encaradas (BOCK, 1989, p. 165).

Assim, a proposta de investigar as relações de gênero centrou-se na delimitação do que as interações entre o masculino e o feminino apontam, em termos de saberes, para a educação feminina no período e fonte investigados. Buscou-se realizar uma análise da apresentação das mulheres na *Careta*, considerando inicialmente a representação do ideal feminino, para então partir para uma desconstrução do que é dado *a priori*, no sentido de provocar sobre a produção dessas representações pelos saberes institucionais.

É relevante indicar, neste estudo, que o espaço urbano exigia uma postura das mulheres por meio de recomendações, fundamentadas no

²Dissertação de Mestrado apresentada em 2012 ao Programa de Pós-Graduação: Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de São João del-Rei-MG.

patriarcado³ e postas em circulação pela imprensa. O delineamento do seu comportamento, a moda, os limites para sua atuação na vida social e política provocaram tanto normalizações e conformações na geração de corpos dóceis, quanto novas posturas de embates às instituições produtoras de discursos pretensamente verdadeiros. O poder, que agia sobre as mulheres por meio da orientação para a vida cotidiana, produziu comportamentos desejados, mas também houve aqueles que desafiaram a ordem vigente pela resistência e arranjo de novos elementos e comportamentos, sociais e educacionais.

A leitura da *Careta* como fonte histórica para a educação feminina

No início da pesquisa, que partiu da leitura de alguns números da revista *Careta*, o olhar era para os indícios sobre práticas educacionais na década de 1910, que pudessem estar presentes neste periódico de circulação nacional, editado no Rio de Janeiro entre os anos de 1908 e 1960.

O critério, que gerou esse primeiro marco temporal, foi a disponibilidade de números em série do periódico no arquivo do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em São João del-Rei-MG. No acervo estavam à disposição revistas publicadas entre 1912 e 1918.⁴

Apesar de a *Careta* publicar, por vezes, informações sobre os processos da escola, numa perspectiva institucional, a cada leitura o que sobressaía era sua característica de revista de variedades, ilustrada, com forte

³ Patriarcado, entendido como uma ideia estruturante dos saberes e das instituições do contexto em análise neste trabalho: “as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado” (SAFFIOTI, 2015, p. 57).

⁴ Ainda que a revista esteja disponível, digitalizada e organizada por ano de circulação, pelo site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, os exemplares impressos provocam uma leitura diferente daquela feita na tela do computador, pois, permitiu uma experiência visual mais interativa, mais atenta aos detalhes do periódico. Impressa em papel couchê, destaca-se a qualidade do material, pois, de modo geral, as revistas encontradas no arquivo estão em bom estado e permitem leitura mais legível e boa apreciação das imagens, que são abundantes neste tipo de publicação. Isso fica comprometido na leitura pelo material digitalizado, já que, por vezes, textos e imagens não conservam sua nitidez. É interessante ainda destacar que, conforme a Primeira Guerra avançava, a qualidade do papel da revista se alterava, passando para uma gramatura muito inferior em 1917. O papel era importado, o que foi dificultado ao longo do período.

referência às tendências urbanas e práticas sociais, variando entre a crítica e a projeção da civilização.

Dessa forma, o conteúdo do periódico se apresentava como rica possibilidade para análise de conteúdo educacional que fosse além das práticas escolares: textos em certa medida instrutivos, no cumprimento de um papel educativo da imprensa de informar, fazer circular opiniões e saberes, estabelecer padrões de conduta, de comportamento e de civilidade para organizar e fazer progredir a nação, partindo de modelos de circulação nos centros urbanos, principalmente europeus.

Na análise dos discursos da *Careta* para a educação, atentou-se para o “exterior” deles, ou seja, sua forma enunciativa. Segundo Foucault, isso está no que propõem as instituições através dos costumes, rituais, saberes, restrições e permissões postos em relação com o desejo e o poder. Nesse sentido, tratar-se-ia “de apreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento; de determinar as condições de sua existência, de fixar de maneira mais justa os seus limites, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 93).

Metodologicamente, foram considerados os enunciados publicados na revista: textos, fotografias, charges, que elaborados na linguagem humorística e sarcástica da *Careta*, propõem constantes trocadilhos, jogos de palavras, assim como já indica seu título.⁵ A diversidade dos enunciados mostra esse exterior das instituições e seus saberes, na medida em que (re)afirma costumes e práticas sociais e culturais validadas no período e no contexto investigado. Vale ressaltar

⁵ “Ahi vae a nossa *Careta*”! Com este título a revista foi lançada em seu primeiro editorial que apresentou o intento humorístico e sarcástico da revista e, também, o estilo da publicação: “...digamos logo que o nosso programma cifra-se unicamente em fazer caretas. Careta como toda gente sabe e se não sabe, devia saber, é assim uma espécie de cara pequena, conforme a abalizada opinião do Candido de Figueiredo [(1846-1925), filólogo português que escreveu dicionários da língua portuguesa] e se não for, é a mesma coisa” (CARETA, 06/06/1908, p. 9). O título indica o uso da definição trivial da palavra, que seria a de uma cara contorcida, disforme; assim como enfatiza que aquela, seria sua orientação, a de fazer caretas. O termo pode indicar ainda tanto uma desaprovação da situação sociopolítica do momento, quanto uma ironia em relação a essa situação. Nesse mesmo texto, vale ressaltar o que se diz sobre o uso de várias caretas. “Ora por ahi existe muita gente de quem se diz ter duas e mais caras; não é demais, por consequência, que nós tenhamos uma porção de caretas, que iremos mostrando todos os sabbados...” (CARETA, 06/06/1908, p. 9).

que, ao apresentar a educação escolarizada⁶, a revista não deixa de ser irreverente na sua linguagem e conteúdo, em sua maioria prevalecendo a tonalidade crítica.

Em atenção a esse aspecto educativo da *Careta*, e para melhor delimitação do tema para a pesquisa, recorreu-se ao paradigma do estranhamento⁷ sobre como se apresentavam as relações de gênero. No cuidado aos indícios apresentados, a atenção voltou-se para o tratamento dado às mulheres através dos conteúdos da revista.

Com isso, atentou-se para a riqueza da possibilidade inscrita na *Careta* para tratar a história da educação feminina. Foi considerado, ainda, outro paradigma proposto por Ginzburg, trazido por Abreu Jr. (2005), qual seja, a *carta roubada*. A partir de um conto literário, em que uma carta havia sido roubada, e por conter informações dos bastidores políticos da corte, era exaustivamente procurada pela rainha da França. O caso foi solucionado não pelos esforços incansáveis da polícia envolvida, mas por um investigador, que depois de seguir pistas, encontrou-a colocada dislcientemente na casa do suspeito.

O que nos interessa dessa imaginativa narração é o significante carta roubada e sua potencialidade de significados para utilização no contexto da cultura material escolar [no caso desta pesquisa, dos materiais da imprensa para a história da educação]. Lidamos, neste campo investigativo, com materiais escolares, muitos deles de uso tão corriqueiro que beira a banalidade (ABREU JR., 2005, p. 149-150).

Diante do que era a composição da revista, de variedades, ilustrada, com grande número de propagandas, entre textos, imagens e charges, sem destaques específicos a esta ou àquela temática, destacavam-se imagens de mulheres, produtos diversos para elas, a beleza, a conduta feminina, a

⁶Assim pode ser notado na *Careta* em uma de suas muitas historietas: “Joãozinho já está na escola. Seis annos apenas; coitadinho! Foi com este menino, acariciando-lhe a cabeça, que o tio teve a noticia. _A que horas vai você para a escola? _As dez. _e a que horas sae? _Às duas. _Coitadinho! Tão pequeno. E que faz você lá desde a hora que entra? _Fico esperando a hora da sahida” (CARETA, 11/09/1915, p. 20).

⁷ Em *Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar*, Abreu Jr. (2005) analisa sobre o paradigma proposto por Ginzburg, o estranhamento, que se trata de “um esforço para nos tirar da automotização a que somos levados, pela força do hábito”: “é como um afastar-se do senso comum das percepções usuais, para, através de atributos tais como os que se encontram na arte, reencontrar a verdadeira realidade, aquela cheia de mistérios e desafios para nosso entendimento” (ABREU JR., 2005, p. 53). Assim, procurou-se uma leitura atenta ao contexto, informado pela *Careta* no recorte temporal estabelecido, na tentativa de chegar a percepções históricas proporcionadas antes de tudo pela fonte.

maternidade, a urgência do casamento, a moda feminina, as normalistas, as sufragistas, mulheres artistas, o lazer, as prescrições – moral, médica, religiosa, civilizatória – para adequação e sinalização da participação feminina em um universo de papéis naturalizados para elas, predominantemente numa delimitação do contexto de vida urbana.

Vale ressaltar que os conteúdos da revista eram pautados em valores e aspectos mais elitizados da sociedade, portanto, estavam relacionados ao seu cotidiano e suas práticas, com discursos elaborados para as mulheres com base nas concepções de tal grupo social. A partir do modo como eram apresentados e certificados pelos discursos da moral cristã, da medicina, jurídico e filosófico, passavam a modelos.

Porém, mais que delimitar os conteúdos da *Careta*, foi preciso problematizá-los na perspectiva da educação das mulheres. A charge “Conselhos paternas” (imagem 01) foi uma das primeiras pistas percebidas para o que poderia ser explorado na pesquisa. A filha, que frequentava o curso da Escola Normal, recebia as exortações do pai a respeito de uma greve deflagrada pelas normalistas, sobre o comportamento de uma parte delas em confrontar a direção da instituição de ensino.



Imagem 01: “Conselhos paternas” – charge. *Careta* (19/06/1915, p. 26).
Ilustrador: J. Carlos.

O homem da charge parecia se preocupar com o bom comportamento da filha, numa conformação a padrões que evitasse a classificação da moça como *anormal*. Para tanto, ele declara: “[...] é preciso um pouco mais de submissão para que não se diga, mais tarde, que vocês são moças de *escol* anormal?” (CARETA, 19/06/1915, p. 26).⁸

Interessou mapear esse enunciado e seus componentes. A fala do pai, conselheiro da charge, estava fundamentada em quais saberes? Qual é o

⁸ É importante informar ao leitor sobre um aspecto da *Careta*, que em suas edições as páginas não eram numeradas, a partir do que se convencionou adotar uma paginação em números que acompanhassem a sequência simples da publicação. Nesse sentido, a capa seria a página 01 e, assim, sucessivamente.

consenso sobre a submissão feminina à qual a personagem da charge é exortada? Sobre a possibilidade de serem enquadradas como sendo de “escol anormal”, em consequência da falta de submissão, fez pensar sobre os critérios para tal procedimento de categorização, classificação e elaboração da representação feminina: a ideal e a rejeitada. Mais uma sátira em trocadilho da *Careta*, que despertou para os aspectos de enquadramento e classificação institucionais⁹ que se aplicavam às mulheres no periódico.

É interessante ressaltar para esta charge de J. Carlos,¹⁰ a percepção de que a moça não fala, o que dirige a leitura para a linguagem corporal da jovem, que sentada na terça parte do banco, limita-se a arquear as sobrancelhas. Estaria enfadada pelos limites que lhes foram estabelecidos, numa negação daquele discurso? Ou era temor pelo lugar do *anormal* e o que ele pudesse acarretar? A cena, apresentada na charge, sugeriu indícios de que a educação feminina, na *Careta*, estava submetida a organizações institucionais, que regulamentavam os discursos e os fazia circular como exercício de um poder conformador e disciplinar.

A charge se referia a um acontecimento específico, oriundo da ação de normalistas, e parece ter se transformado numa espécie de alerta geral, como se verá adiante. A *Careta* trouxe pouca informação sobre o ocorrido. Na mesma página, logo acima da charge, foi comentado a respeito de “uma greve, uma revolução na Escola Normal, quasi frequentada exclusivamente por moças”, ao que se segue: “como é que elas se zangaram com o governo e seus superiores?” (CARETA, 19/06/1915, p. 26). No entanto, o periódico limitou-se a indagar pela subordinação feminina, pontuando brevemente o desacordo entre normalistas e a organização institucional a qual estavam submetidas. Deu ainda

⁹ Aspectos de formulação desse discurso: da medicina, que diagnosticava e tratava, do direito que julgava a condição legal dos sujeitos e eventuais punições, do saber pedagógico que determinaria se em condições de aprendizado, da religiosidade que poderia considerar, até dogmaticamente, uma propensão da natureza feminina ao desequilíbrio e vulnerabilidade do caráter.

¹⁰ “J. Carlos, caricaturista; Os primeiros desenhos do carioca José Carlos de Brito e Cunha não agradaram a seus amigos. Mas essa desaprovção não o impediu de enviar um de seus trabalhos ao periódico *O Tagareta* que o publicou em 1902. Era o início não só de uma brilhante carreira, mas também do uso da zincogravura na caricatura. Durante 40 anos, revistas de sucesso, como o *Tico-Tico*, *O Malho*, *Fon-Fon!*, *Para todos*, *Careta* (que J. Carlos dirigiu desde a fundação, em 1908), estamparam suas figuras. ‘Melindrosa’ e ‘Almofadinha’ são algumas de suas melhores criações, porta-vozes de seu tempo, que esse ‘cronista do traço’ retratou com humor e técnica” (NOSSO SÉCULO, 1981, p.127).

um viés político ao problema ao mencionar as sufragistas,¹¹ numa relação “indireta” ao caso carioca: “Não há nenhuma relação entre a revolução da Escola Normal e os motins das sufragistas; mas uma coisa puxa a outra”.

Segundo *A Gazeta*, de São Paulo, o diretor da instituição declarou que tudo começou com a falta de quatro professores na Escola Normal, em que algumas alunas ficaram em conversas pelos corredores.

Uma das alunas foi repreendida pela inspetora, mas não atendeu às recomendações que lhe foram feitas. O diretor [Sr. Hans] afirma não ter tocado na moça, que somente foi suspensa por tres dias como castigo de grave desobediência. A inspetora mandou-a retirar-se e quando a alumna ia deixar a sala, começaram os protestos. O Sr. Hans insistiu no pedido de demissão que fizera, mas o Sr. Rivadávia Correia, prefeito do Distrito Federal não o atendeu. Há sérias divergências entre o director e os professores da Escola (*A GAZETA*, 14/06/1915, p. 6).

Das quase mil e quinhentas alunas da instituição, “somente trezentas tomaram parte nas ocorrências”, segundo edição d’*A Gazeta* (14/06/1915, p. 02, grifo meu), ao que se contrapõe ser um número expressivo, tendo em vista que o comportamento esperado era o da obediência e não o da insurgência e resistência feminina.

O caso aqui destacado teve repercussão tal, que fez com que o então Presidente, Wenceslão Braz, se pronunciasse e cuidasse dos acontecimentos e das normalistas:

O Sr. Presidente da República então, tomando a palavra, disse que, tendo ouvido attentamente as normalistas, iria estudar a questão, para poder resolver-a com acerto. Aconselhava, porém, às normalistas a se collocarem, com os direitos que possuem, dentro da lei que nos rege, sem provocar manifestações e discussões, que até podem prejudicar qualquer caso, por melhor amparada que ella esteja (*A GAZETA*, 16/06/1915, p. 02).

Seguindo a descrição da postura do Presidente, apresentado na *Careta* pelo estereótipo de mineiro pescador, ele parece não ter sido enérgico ou taxativo às normalistas. Ao menos nesse primeiro momento, adotou seu

¹¹ Movimento de dimensão internacional de mulheres que lutavam pelos seus direitos políticos eleitorais.

protocolo de dar razão à prudência: ainda que as normalistas estivessem amparadas, eram mulheres, e o melhor seria não causar agitação!¹²

Com base no que Foucault propõe, os jogos de força podem ser entendidos como “uma prática, uma luta local e regional, contra as investidas do poder” (FISCHER, 2007, p. 45). Assim, a investigação seguiu seu propósito de indagar sobre a realidade do discurso nas práticas locais de um espaço e tempo específicos. As situações,¹³ apresentadas na *Careta*, aparecem fundamentadas pela atuação de instituições na condição dos saberes para a educação feminina daquele tempo.

Desse modo, buscou-se identificar os dispositivos de controle e adequação aos efeitos de verdade, estabelecidos nas relações e nos jogos de poder. Para o caso da Escola Normal do Rio de Janeiro, considera-se que a repressão cumpre essa função de adequação a uma determinada realidade, que conta com saberes na regulação das ações, provocando, em partes, um tipo de obediência, que apesar de predominante, não era unânime.

Como forma de estabelecer o que se chama de resistência ao poder, a greve das normalistas se apresenta, na prática, como negação da condição feminina passiva, que é estabelecida como comportamento indiscriminado delas em algumas histórias de mulheres. É relevante, então, reforçar a perspectiva de que o poder circula de forma horizontal, ou seja, ele afeta e gera uma reação. Ainda que não democráticas, as relações não são unilaterais.

Segundo Perrot (1988, p. 167), é preciso considerar a polissemia do termo poder: “no singular, ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central”. Já no plural, essa perspectiva de poder “se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a ‘influências’ difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela”.

¹² O texto de Perrot, *A mulher popular rebelde* (1988), provoca pensar na insurgência feminina em contextos fora da ordem do discurso, mais precisamente no contexto popular das cidades em emergência a partir do século XVIII na Europa. As mulheres populares, por lidarem com condições de vida mais limitadas, eram agitadoras por causas como a carestia da vida, a moradia nas cidades, as causas das condições de trabalho nas indústrias. Afirma a historiadora serem “Os lavadouros locais de feminismo prático”. A partir dessa referência, custava aos moldes burgueses manter a ordem e o acato à disciplina.

¹³ “Porque estas configuram o poder em suas extremidades, expõem os rituais, as técnicas, as falas, as mínimas normas, o ordenamento dos indivíduos, enfim, todos os ínfimos elementos da normalização do sujeito” (FISCHER, 2007, p. 50).

Logo, “são as mulheres em ação que interessa encontrar, inovando em suas práticas, mulheres animadas e não mais autômatos, mas criando elas mesmas o movimento da história” (PERROT, 1988, p. 186).

Os discursos da *Careta*: as instituições na produção de silêncios femininos

Pela via dos silenciamentos, foram considerados aspectos possíveis para a problematização da história da educação das mulheres, a partir dos enunciados veiculados na *Careta*, e o próprio periódico. Primeiramente, ressaltase os saberes que os fundamentavam, formulados pelas instituições, total ou prioritariamente masculinas: a política, a guerra, a religião, a imprensa, a medicina. Nisso, o silenciamento diz respeito à ausência feminina dessas instâncias de emanção de poder. Porém, e aqui um segundo ponto para esta problematização, os discursos não estão limitados à sua formulação. Ao entrarem em circulação, não acontecia apenas a submissão a eles, ao que emergiram as resistências e transgressões.

Essa leitura incita a pensar a zona de silêncio histórico feminino, que implica no revés da resposta, dado na forma de resistência em alguns comportamentos. O discurso apresenta uma perspectiva, ou uma realidade virtual e outra concreta. A prática a que ele se refere, interfere na dinâmica dos corpos, na sujeição a regras ou exercício de liberdades, submissão de ações ou reinvenção de práticas, que terá variações, conforme lida com a sujeição ou a resistência e subjetivação dos sujeitos em questão.

O que a resistência extrai do velho homem são as forças, como dizia Nietzsche, de uma vida mais rica em possibilidades. O super-homem nunca quis dizer outra coisa: é dentro do próprio homem que é preciso libertar a vida, pois o próprio homem é uma maneira de aprisioná-la. A vida se torna resistência ao poder quando o poder toma como objeto a vida (DELEUZE, 1988, p. 99).

Os comportamentos avessos aos padrões femininos foram apresentados, eventualmente ou em tom jocoso, na *Careta*, e assim permitiu não perdê-los de vista. A efetivação dos jogos de força não culmina na anulação da relação, que é dada na horizontalidade; apenas eram velados pelo periódico, como no caso mencionado da greve na Escola Normal. Silenciados, conforme demarcados como impróprios. E o que importa nesta leitura histórica é que esses comportamentos de resistência foram ali registrados, ainda que em tom de caricatural, não puderam ser ignorados, desafiando os padrões normativos.

Em atenção ao aspecto da formação e manifestação dos discursos, uma análise realizada por Albuquerque Jr. (2007) incita, numa perspectiva foucaultiana, a pensar essas zonas de silêncio a que as mulheres estavam submetidas. Do ponto da política nacional, seu silêncio se manifestava na exclusão do direito ao voto e da participação em instâncias da esfera pública/política. Já nas condições relativas ao ingresso de mulheres no meio acadêmico, seu silenciamento se dava no impedimento e exclusão dos âmbitos de formulações discursivas de teor científico e jurídico. Com acesso restrito ao nível superior de educação, proibição de ocupar cargos e espaços na esfera pública e condicionada ao espaços domésticos, ou funções profissionais ligadas ao cuidado – domésticos ou da escolarização primária – estava consolidado seu silêncio institucional.

Em um momento histórico de saberes que pregavam, basicamente, a inferioridade intelectual delas e um papel social restrito aos cuidados com filhos, casa e a própria beleza¹⁴, o acesso à educação superior não aparece nas publicações analisadas para este estudo. Diante do quadro, a *Careta* nem mesmo problematizava a inexistência de mulheres nas turmas de ensino superior, dada a naturalidade disso no contexto, evidenciando as condições das relações de gênero naquele momento. Por exemplo, quando se veiculou na revista¹⁵ fotografias das turmas de medicina (imagem 02), direito (imagem 03) e engenharia (imagem 04).

¹⁴ Em concordância ao apelo constante pelo que as mulheres deveriam estar sempre atentas aos cuidados com a beleza, e de que o mais importante para o gênero era manter-se sempre atrativo aos olhos masculinos, pode-se constatar a apreciação feita das mulheres pelos homens pelo trecho que se segue: “Provérbios; A vaidade é o recurso daquele que vale pouco” (CARETA, 15/05/1915 p. 29).

¹⁵ Não se pretende generalizar a pouca entrada das mulheres no ensino superior como não existente, mas sim como uma presença não notada através das publicações da *Careta*, que por vezes divulgava as fotos das turmas de ensino superior das poucas universidades brasileiras, não sendo mencionadas mulheres em nenhuma delas ao longo desse recorte, 1914 a 1918.



Imagem02: “Faculdade de medicina de Medicina de Belo Horizonte”. Fonte: *Careta* (23/05/1914, p. 21). Fotógrafo: sem crédito.

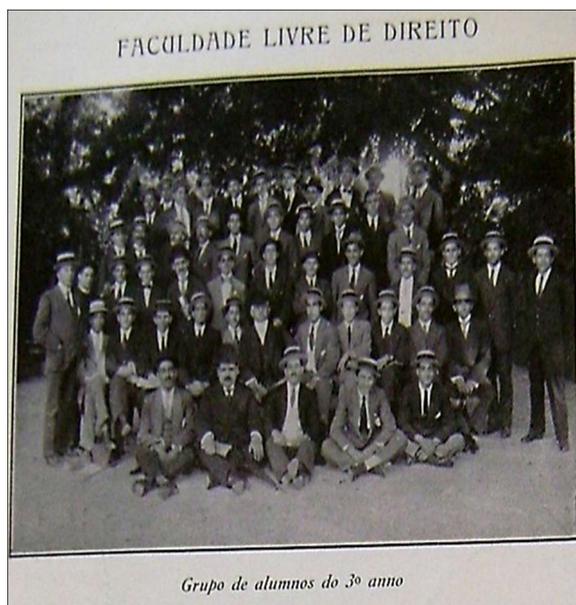


Imagem 03: “Faculdade livre de Direito”. Fonte: *Careta* (02/08/1915, p. 20). Fotógrafo: sem crédito.



Imagem 04: “Escola Polytechnica” (Os engenheiros civis de 1916). Fonte: *Careta* (05/05/1917, p. 26). Fotógrafo: sem crédito.

Outra referência dos papéis das mulheres, no período e contexto, diz respeito à participação delas na Guerra. Na proposta de análise da relação das mulheres com o confronto, também se percebe aspectos do silenciamento histórico feminino, caracterizado pela ausência de participação delas nos discursos e definições do conflito.

Acrescenta-se ainda a relação com a instituição militar, da qual as mulheres pouco participavam naquele período. Isso posto, é necessário relativizar a importância de se participar da organização de um evento bélico. Não se trata de valorizar o lugar do fazer a guerra, mas intenta-se provocar o lugar de enunciação de saberes com proporções tais.

Ainda sobre as relações de gênero e a Guerra, uma questão de relevância é o que esse momento sugere para a história da educação das mulheres, em uma perspectiva mundial. Com os homens dos países envolvidos partindo para o conflito, e na medida em que novos aliados se juntavam ao combate, as funções dadas ao masculino precisariam ser desempenhadas por quem não partia, dando novo aspecto a cidades europeias, como Paris, por exemplo, que

no dizer dos seus cronistas, tem atualmente [período da Guerra], um aspecto exquisito e triste. É uma cidade de homens grisalhos que desaparecem na multidão feminina, a qual, devido a ausência dos homens capazes de pegar armas, parece ter aumentado de numero (CARETA, 31/10/1914, p. 29).

Independentemente do conflito, a revista trazia notícias e imagens de mulheres norte-americanas ou europeias ocupando funções naturalizadas como masculinas,¹⁶ o que sofreu impactos ainda maiores pela ocorrência da Guerra. É o que se vê na foto abaixo, veiculada pela *Careta*, com a seguinte legenda: “As mulheres substituem as funções dos conductores e cobradores dos bonds [em Paris]” (CARETA, 20/03/1915, p. 34)

¹⁶ A *Careta* do dia 28 de fevereiro de 1914 (p. 30), por exemplo, noticia uma norte-americana chefe de policia, da cidade Des Moines, Iowa. Resguardados os comentários acerca da generalização feita sobre o comportamento das mulheres em relação aos homens, Miss May Mautiin, de 19 anos, é apontada na nota como quem cumpria sua função de não deixar ninguém escapar “porque ella é mulher que neste ponto não se enfraquece perante os homens” (CARETA, 28/02/1914, p. 30).

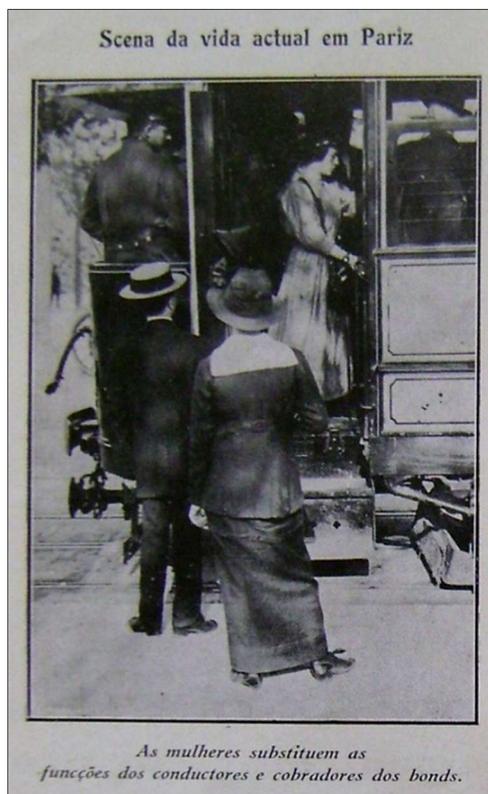


Imagem 05: Mulheres condutoras de bonds em Paris. Fonte: *Careta* (20/03/1915, p. 34). Fotógrafo: sem crédito.

A implicação disso para esta investigação é a plausível abertura de novas perspectivas para a educação feminina – que não se daria imediatamente, mas desencadeada ou reforçada a partir disso. Pela possibilidade da ocupação de novos espaços, deveria também receber mais atenção em sua formação. Ao menos essa era a previsão da *Careta*: “É de crer que com a guerra se abra à mulher um novo mundo com todas as **regalias** que goza o homem” (CARETA, 24/08/1918, p. 31, grifo meu). É oportuno notar como o texto assume a primazia masculina, de forma a relativizar o modo naturalizado dos discursos elaborados pelas instituições: característica da *Careta*.

De um modo geral, diante do grande conflito, seria possível permanecer no mesmo lugar, com os mesmos valores e atitudes para o feminino? Em que medida a Primeira Guerra Mundial afetou o lugar das mulheres na sociedade, segundo o que propõe a *Careta*? Com este suposto deslocamento de funções femininas,¹⁷ é possível afirmar um movimento mundial de influências para as mulheres, tendo em vista exemplos como da circulação da moda e de padrões de comportamento.

Assim, uma outra alteração para as mulheres é percebida no período da Guerra, na medida em que é anunciado o encurtamento das saias adultas femininas, dentre outras tendências, como a das sandálias, citadas a seguir.

A MODA PARIENSE

Jamais as parisienses foram tão elegantes, diz “L’informationUniversalle”. E têm razão. Ellas querem provar aos que – bem raros – persistem, apesar das provas de coragem, de intelligencia e de resistencia que ellas têm dado, a ser hostis ao movimento que se creou em seu favor, que **uma mulher pode ser útil sem deixar de ser seductora**. (...) O espantallo é o calçado nacional que se pensa em instituir. (...) **Caminharão com os pés nus metidos em sandálias os pesinhos rosados**. (...) É talvez mesmo em vista d’essas innovações que acaba de se crear a saia-polaina que é preciso não confundir com as antigas saias-calções das cyclistas de outrora. (...) Por uma antithese curiosa, é **depois que a mulher se virilizou moralmente** que adopta a silhueta das pequenitas. Algumas têm mesmo exagerado, a ponto de exercitar d’uma maneira espiritual a “verve” dos caricaturistas, que nos apresentam, umas vezes uma enorme dama já madura, vestida como um bébé, que diz, amaneirando-se: “Depois que a vida encareceu, visto-me na secção das creanças para fazer economias” (CARETA, 29/09/1917, p. 16, grifos meus).

Ainda, na apresentação das charges (imagens 06 e 07) publicadas em anos diferentes – 1914 e 1917, respectivamente – percebe-se que houve uma mudança no modo de desenhar o comprimento das saias, e segundo revela o texto da *Careta*, citado acima, aquele já era um modelo percebido também nas

¹⁷ Leva-se em conta aqui a repercussão do conflito a nível mundial. Assim, considera-se tais efeitos também no Brasil, ainda que o país não tenha tido envolvimento direto desde o início; ele se torna aliado no conflito em 1917, após o “torpedeamento do ‘Paraná’, navio brasileiro, por um submarino allemão, e a consequente ruptura das nossas relações diplomáticas e comerciais, que repercutiram violentamente em São Paulo, como nos demais estados” (CARETA, 21/04/1917, p. 16).

ruas. Vale lembrar que isso implica na mobilidade do cotidiano, por uma demanda das mulheres nos postos de trabalho, em consequência da guerra.



Imagem 06: “O ‘rendez-vous’. Doce esperança”. Fonte: *Careta* (07/03/1914, p. 21). Ilustrador: J. Carlos.



Imagem 07: “60 primaveras meditando”. Fonte: *Careta* (27/10/1917, p. 17). Ilustrador: J. Carlos.

Sobre as possíveis implicações nos fatores educacionais para as mulheres, pode-se afirmar que elas precisariam de instrução que as preparasse para o ritmo que a organização social atingia. Na reivindicação nacional e mundial pelo sufrágio feminino, frequentemente abordada na *Careta*, há de se pensar que a aquisição e a exigência de novos direitos acompanhavam uma relativa necessidade de educação mais assistida, de espaços para debate feminino mais efetivo, visto que certa institucionalização das esferas da vida cotidiana,¹⁸

¹⁸ Esta institucionalização das esferas da vida cotidiana compete à regulamentação da vida pública em esferas administrativas ou da produção de conhecimentos. Assim, da saúde e higiene pública pela medicina; da elaboração de leis pela esfera jurídica: um novo Código Civil no Brasil é instituído em 1917, o que era regulado desde 1603 pelas Ordenações Filipinas; dos estudos e desenvolvimento de pesquisas: a criação das vacinas em seus

especialmente em contextos urbanos, tornava-se cada vez mais crescente nas primeiras décadas do século XX.

É determinante ressaltar sobre a dinâmica das relações e jogos de forças, na temática do poder, que se estabelece de forma difusa, constante e horizontal, distribuído por todos os corpos, sem exceção; porém não democraticamente, posto que é destituído de equidade, o que promove relações em que há sobreposições, mas nunca a anulação de forças: antes, pode-se atentar para o controle delas, a sua otimização com vistas a produzir sujeitos normalizados e adequados para situações em que se pretende uma homogeneização dos comportamentos, visando o controle (FOUCAULT, 2010b).

Por se tratar de jogo de forças, dinâmico e horizontal, que não exclui ninguém, o poder pode gerar tanto a conformação quanto a recusa à forma proposta, em maior ou menor escala, que, conforme dito que não é democrático, mas identificado como positivo na medida em que produz resultados, seja o corpo dócil ou a resistência.

Analisado sob a condição de manifestações concretas, o poder se apresenta no nível do incorpóreo: não tendo forma, assume os corpos e ações numa dinâmica que confere a ele uma materialidade nunca definitiva, porém constante (FOUCAULT, 2010a, p. 58).

Desse modo, a *Careta* circulava saberes produzidos por instituições como a medicina, a religião, o Estado, a filosofia, para conformação feminina a papéis estabelecidos como lugares de verdade, de credibilidade, regulando as forças do feminino para direcioná-las e aumentá-las no propósito das formas de

institutos próprios; a movimentação pela abertura de escolas públicas, a aprovação de reformas educacionais para as primeiras décadas de 1900 e uma tentativa de estabelecer um ministério que centralizasse a educação nacional; o desenvolvimento da imprensa, com crescente número de técnicas e periódicos como veículo de informações, que cria espaços novos e virtuais, garantindo a produção discursiva fundamentada em saberes “oficiais”; até pequenas organizações, de iniciativas menores e locais – como é o caso da *Associação dos Homens de Letras*, no Rio de Janeiro no começo do século XX; *Associação em auxílio às moças solteiras* na década de 1910; efetivação de sindicatos para regulamentar e reivindicar a situação dos trabalhadores, que no começo do século XX estavam mais inseridos num processo de produção que incluía a aglomeração em fábricas e indústrias, que provavelmente determinou, de alguma forma uma greve noticiada na *Careta*: “o momento sem dúvida sendo para todos mau, também o é para as classes burguesas, não se podendo negar contudo que as classes operárias, soffrendo mais do que nenhuma outra, precisem de muito heroísmo para resistil-o com calma” (CARETA, 27/07/1918, p. 18).

comportamento desejadas. Essa conformação passa pela coerção, que resulta do arranjo entre saber e poder. Assim, a produção de saberes é validada por partir de instituições que têm credibilidade nas suas proposições. Quando colocados em circulação pela imprensa, pela educação ou nas práticas do cotidiano, esses saberes já se apresentam legitimados e tendem a uma adesão quase automática.

Os papéis femininos são desempenhados e difundidos, porém, na medida em que se pautam em sobreposições de força, podem gerar a resistência à ordem posta, deslocando-se e provocando novos lugares para o feminino. Por exemplo, o casamento, a união conjugal nos padrões específicos da sociedade do começo do século XX, uma prática regulamentada basicamente pela igreja e pela medicina, sem passar necessariamente pelo desejo das mulheres do período. Não necessariamente todas elas desejavam a união conjugal como destino. Por vezes, casamentos admitidos pela imposição podiam tomar rumos como adultério. A fuga antes dele, também consistia numa alternativa. Tornar-se artista podia ser uma escolha neste sentido, já que para a época implicaria na opção entre marido ou a profissão, para a qual haveria de se levar em conta as consequências do discurso moral sobre a atividade¹⁹. Mas o que parece prevalecer é a coerção, favorecida pelo conjunto de discursos conformadores que regulavam as mulheres para esse destino, pela exigência e expectativa social: estas últimas, “sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem; enfim, que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte de violência” (FOUCAULT, 2010a, p. 14).

Propor o casamento como forma de instituição, relativamente “violenta” para as mulheres, é para problematizar elementos de ordem burguesa, ritos criados em torno do estabelecimento de práticas que se tornam condição de pertencimento e aceitação social, conforme se vê na charge apresentada a

¹⁹ Sobre Madame Moda, pseudônimo que o colunista Mario de Haristal usou para falar de uma artista, pode-se ter uma indicação a esse respeito, sobre a não conciliação entre o casamento e a mulher artista: “Mas sua alma, dominada pela arte, seu corpo educado nos êxtases artificiais dos palcos, revoltavam-se contra ella, contra a pureza de seu sentimento e impunham-lhe, mesmo nos trágicos esgares do amante moribundo, a pose e os gestos estudados da artista. Ella já se dirigia ao automóvel e antes de pôr o pé no estribo do carro, lançou um olhar em torno para ver se estava sendo apreciada, detendo-se para arregaçar o vestido de modo que as suas finas meias de seda servissem de thema à palestra dos que ficavam. **Madame Moda poderá ser uma razoável mãe de família? Impossível!** Talvez ame, seja muito caprichosa, mas tal qual Faustina nunca terá forças para construir um lar. **Madame Moda nasceu para posar simplesmente; é a deusa da plástica, a senhora do artifício, jamais a mulher** (CARETA, 01/12/1917, p. 27, grifos meus).

seguir (imagem 08). Não se trata simplesmente de questionar o anseio da mulher pelo encontro de um parceiro, podendo se pensar até mesmo numa perspectiva da espécie em si, nas suas condições culturais e de reprodução, em que a aproximação entre masculino e feminino acontece. Poder-se-ia pensar as fases de maturação próprias do seu desenvolvimento, de corpo biológico feminino.



Imagem 08: Charge “Impaciência”. Fonte: *Careta* (10/06/1916, p. 33). Ilustrador: J. Carlos.

O que se problematiza com essa abordagem, tratando de elementos basicamente de ordem burguesa, ou ao menos originada nela, é o rito criado em torno do estabelecimento das práticas, que obriga, condiciona, submete, o que pode ser considerado então como uma violência simbólica.

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso (FOUCAULT, 2010a, p. 39).

Assim, a referência para o conteúdo da charge se dá pelo que ela sugere: uma frustração por parte da personagem por ainda não corresponder ao que a sociedade, principalmente sua aparente camada de pertencimento social, esperava dela, e ainda, dentro do tempo adequado. A pressão pela naturalização da prática do casamento parece mesmo atingi-la.

A própria limitação no acesso e avanço nos níveis de escolarização, e ainda mais as possibilidades do mercado de trabalho, acabava tornando as mulheres mais dependentes dos homens. Com isso, a negação do espaço público e político – lembrando que se trata da operacionalização do poder singular (PERROT, 1988) – acabava por restringi-las ao cuidado com a casa, os filhos e marido, no que diz respeito ao público diretamente exposto na revista, a camada burguesa.

A *Careta*, como veículo de discursos para a conformação feminina, traz o tom didático a que se propunha a imprensa, de servir como veículo para normas de configuração social. “O dever da mulher é ser bella, meiga, boa; o nosso,²⁰ ampara-la, defendel-a. O amor é forma ideal, única acceitavel, de captiveiro na terra: servidão que se espiritualisa, humildade que se converte em orgulho” (CARETA, 16/05/1914, p. 26).

Esse formato de polarização com que a revista apresentava seus enunciados, atribuindo papéis femininos e masculinos de modo mais restritivo, colabora para a compreensão da condição de sufrágio feminino naquele contexto. Enquanto para o homem “exigia-se para a cidadania política uma qualidade que só o direito social da educação poderia fornecer” (CARVALHO, 1987, p. 45), para as mulheres, nem isso seria suficiente, posto que mesmo

²⁰ Indica que no lugar de enunciação estava o masculino.

alfabetizadas ou até se atingissem graus mais elevados do ensino, ainda assim, não votavam, o que prevaleceu no Brasil até o ano de 1932²¹.

Neste ponto, mais indícios de comportamentos, avessos aos saberes propagados na *Careta*, são apresentados. No Brasil, o movimento das sufragistas fazia seus protestos e mobilizações. A *Careta* zombava da solicitação dessas mulheres, criticando-as no que considerava o desejo de assemelharem-se aos homens, o que pode ser percebido na forma de representação feita delas na charge de capa de uma das edições da revista (imagem 09).

²¹ O voto feminino foi instituído no Brasil em 24 de fevereiro de 1932 pelo Decreto n. 21.076 (CANÊDO, 2007, p. 55).

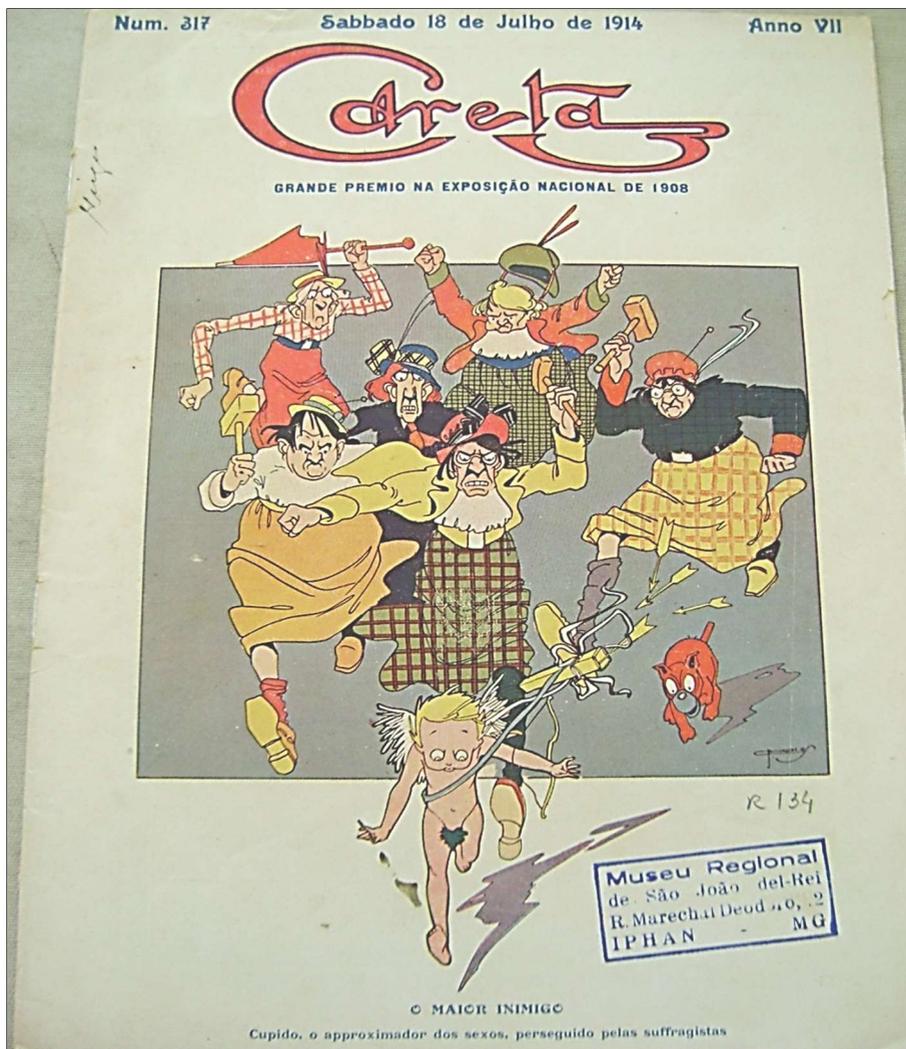


Imagem 09: O maior inimigo – Cupido, o aproximador dos sexos, perseguido pelas sufragistas. Fonte: Careta (18/07/1914, capa). Ilustrador: J. Carlos.

Representadas com feições masculinas e perseguindo o “Cupido, o aproximador dos sexos” (Caretta, 18/07/1914, capa), as sufragistas subvertiam a polarização estabelecida, de papéis fixos para cada gênero. Resistiam às normalizações e ao silenciamento das mulheres no que diz respeito à participação feminina na política.

Em 1910, foi criado o Partido Republicano Feminino, pela professora Deolinda Daltro. A *Caretta* ainda fez circular sobre um projeto de lei para o ano de 1917, elaborado sob influência do movimento: “Com clara pureza de intenções peculiar ao seu ardente liberalismo romanesco, o operoso deputado Maurício de Lacerda apresentou à molle inércia de sua câmara um meditado projecto de lei conferindo às mulheres o livre exercício do direito ao voto” (CARETA, 23 de junho de 1917, p. 10).

Com isso, percebe-se que a negação ao sufrágio feminino não era só uma caricatura da *Caretta*, mas uma recusa do próprio Estado, cujos cargos políticos eram ocupados exclusivamente por homens. O valor à presença social feminina continuava restrita ao seu aspecto físico, sua beleza, a caridade, o ensino primário.

Mas o que importa ressaltar é sobre a característica de resistência do movimento das sufragistas. Assim, a suposta “passividade histórica feminina” ganha reformulações, ressaltando seus movimentos na história: as mulheres não votavam naquele período, porém a aceitação a essa restrição era questionada pelo movimento para o sufrágio feminino, o que acabou por se tornar, quase duas décadas depois, um direito delas.

Cabe ainda ressaltar sobre os jogos de poder e o embate de forças, sobre as restrições e autorizações para as mulheres. À medida que existia a proibição do voto feminino, as sufragistas o requeriam e, ao protesto delas, a instituição política respondia com recusa, a imprensa, com escárnio (imagem 09), o que não impediu o movimento pelo voto feminino de continuar, nem as instituições de se oporem. Demonstração das relações e jogos de força e poder, que se apresentavam na dinâmica social.

Nesse quadro histórico de relações de gênero, há que se reforçar sobre a percepção das formas de restrições diretas sobre os corpos femininos, que normalizados, eram destinados a espaços específicos, conforme determinação de uma ordem patriarcal.

Quais são os fundamentos, as raízes do silêncio acerca do corpo da mulher? Trata-se de um silêncio de longa duração, inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença

entre os sexos, mas reforçado ao longo do tempo pelo discurso médico ou político (PERROT, 2003, p. 20).

Ainda a respeito desse silenciamento, avançando para a perspectiva da resistência, Perrot acrescenta que, justamente “a partir do período 1900-1920, as mulheres se atrevem a outro discurso acerca do corpo feminino” (2003, p. 24), ao que se tem afirmada a relevância do recorte temporal deste trabalho como um momento de alguma transformação nas relações de gênero. “Disputas no corpo. Disputas pelo corpo. Direito ao corpo. Com efeito, o corpo humano no centro de tudo o que foi, e é, expressão de histórias... humanas” (VAGO, 2010, p. 95).

Considerações gerais

O processo de investigação histórica faz adentrar universos que podem se apresentar, ora alheios, ora familiares. Tratar da condição histórica feminina na revista *Careta*, pelo viés educacional, mobilizou pensar sobre os tempos que se sobrepõem: o período do recorte e a perspectiva no tempo em que se operou este estudo. Este salto no tempo é o que possibilitou realizar a leitura e análise a partir do estranhamento pela naturalização de algumas questões sobre a condição feminina, das orientações para a vida prática, para seus comportamentos.

No que foi proposto, de adentrar o discurso e fazer a sua análise, foi preciso ir além do que estava posto, sem lhe ultrapassar. Mapear o tempo, volúvel e concreto ao mesmo tempo. Por pontos nevrálgicos, os caminhos investigativos com a *Careta* foram se construindo e se estabelecendo. Da forma difusa e variada dos seus enunciados ao seu compromisso com as formas das verdades institucionais, o percurso foi de observar seus desdobramentos possíveis, as aparições mais freqüentes e também as zonas de silêncio, que não se apresentavam só pela ausência, mas inquietava nas formas emergentes. Muitas mulheres na *Careta*, apresentadas pelos discursos masculinos. Por que não por si mesmas?

Basicamente nisso elaborou-se a problematização da *Careta* em relação às mulheres, à sua educação. A revista mostrava as formas eleitas, apresentava os modelos de comportamento, dava o lugar a ser ocupado na sociedade. No empenho legitimado em seus propósitos de imprensa, de ser considerada com credibilidade, ainda que uma “careta”, as formas do ser mulher vinham com o reconhecimento de instituições, que tinham um aspecto de “lugar comum” na sociedade carioca, mas também além daquele recorte geográfico. A

igreja, a medicina, a filosofia, ultrapassavam os espaços – sociais, econômicos, educacionais, culturais, o urbano – e às vezes o tempo – ao se constituírem saberes milenares no contraste com a novidade das cidades.

É interessante ressaltar a forma variada com que a revista *Careta* apresentava a realidade. Mais que a naturalização e a passividade, nela estão apresentadas as resistências, ainda que sutilmente. E nisso, a operacionalização pelo “poder plural”, em contraposição à tendência histórica singular, colaborou para perceber as figuras femininas que se despontavam, para além do ideal feminino.

O jogo de forças se mostra nos enunciados da *Careta*, que traziam à tona normas de conduta e negação de comportamentos indesejados. As transgressões eram repudiadas, mas ao noticiá-las, a revista mostrava a existência de novas possibilidades ao feminino, àquelas que porventura não estivessem satisfeitas às representações femininas, outras formas também eram possíveis.

O que se propõe é observar como as resistências podem contribuir para a (re)formulação de narrativas históricas.

Portanto, com a pesquisa histórica sobre a educação feminina, na chave de leitura da normalização-resistência, há a possibilidade de se percorrer um trajeto de motivos para lutas e reivindicações pelas mulheres, nos seus diversos níveis de implicação educacional: social, político, de comportamento, da moda, da produção artística, profissional, etc.

Sobre a leitura e perspectiva da análise do discurso, Foucault recomenda àqueles que se sentem dubiamente atraídos e temerosos a conhecer os discursos, no que ele sugere como a resposta das instituições: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida da sua aparição; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 2010a, p. 7).

Com isso, fica o chamado a analisar os costumes e práticas de cada período, pelo questionamento da edificação das suas verdades, através do mapeamento dos seus enunciados. Trazer à tona as filiações institucionais e de saber ajuda a desnaturalizar as normas, práticas e conhecimentos, com a possibilidade de retirar as mulheres do lugar da passividade histórica, sem deixar de demarcar as zonas de silêncio impostas a elas.

Referencias

Fontes

A **GAZETA**, São Paulo, 14/06/1915 a 16/06/1915.

CARETA, Rio de Janeiro: Kosmos, 06/06/1908.

CARETA, Rio de Janeiro: Kosmos, 1914 a 1918.

Bibliografia

ABREU JR. Laerthe de Moraes. **Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar**. Pro-Posições, v. 16, n. 1 (46) – jan./abr. 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, *Durval* Muniz de. **História: A arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

BOCK, Gisela. História, história das mulheres, história do gênero. In: Penélope. **Fazer e desfazer história**. Dossier, n. 4, nov. 1989.

CANÊDO, Letícia Bicalho. Instituição do voto secreto e feminino. In: **Dicionário de datas da história do Brasil**. Circe Bitencourt (org.). São Paulo: Contexto, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão em trabalhar com Foucault. In: **Caminhos investigativos I**: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Novos olhares na pesquisa em educação. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

FOUCAULT, Michel. 1968 - Sobre a Arqueologia das Ciências: Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 82-118.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010a.

_____. **Vigiar e punir:** Nascimento da prisão. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.

NOSSO SÉCULO. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

PERROT, M. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. **Corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

VAGO, Tarcísio Mauro. Reformas do corpo na escola. In: FARIA FILHO, Luciano M.; NASCIMENTO, Cecília Vieira do; SANTOS, Marileide Lopes dos. **Reformas Educacionais no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

Abstract: This article deals with the history of female education in the decade of 1910, from the magazine illustrated and of varieties, the *Careta*. The relationship between the theme and the source was established according to the fact that the education for women, undertaken by the magazine, was based on standardizing practices and prescriptions aimed at regulating everyday female life in the urban context. Through the analysis of Foucaultian discourse, the exercise was to examine the construction of the statements of the magazine, to which we observed the manifestation of knowledge from institutions such as religion, medicine, philosophy. Hence, the moral and normalizing elaboration for the feminine would acquire status of truth sufficient to produce female emergencies, historically conformed to the roles given in the representations of being female, or silenced in the regulation of their circulation. However, considering the possibilities of power relations, feminine resistances are also read in the *Careta*, so that causes to think in the subjects and plural movements of history.

Key-words: History of female education; Normalization; Resistance; Speech analysis; Power relations; *Careta* magazine.
